

O ESTUDO DAS ATITUDES LINGUÍSTICAS¹

Robert L. Cooper e Joshua A. Fishman

Tradução de **Cristine G. Severo***

Revisão de **Edair Görski**

Universidade Federal de Santa Catarina

A atitude tem sido usada como variável em muitos estudos sociolinguísticos (para uma revisão temática e metodológica, ver Agheyisi e Fishman, 1970; para uma abordagem ampliada, ver Shuy e Fasold, 1973). Isso ocorre, em parte, porque a atitude é um conceito central para as ciências sociais em geral e, em parte, porque os fenômenos sociolinguísticos são suficientemente complexos para motivar uma busca por construtos hipotéticos preditivos igualmente complexos. Assim, por exemplo, a atitude linguística aparece como um catalisador para uma mudança sonora (Labov, 1963), uma característica definidora de uma comunidade de fala (Labov, 1966), um indicador de aprendizagem de segunda língua (Anisfeld e Lambert, 1961; Lambert, Gardner, Barik e Tunstall, 1963; Lambert, Gardner, Olton e Tunstall, 1968), um reflexo de atitudes interétnicas (Herman, 1961; Lambert, Anisfeld e Yeni-Komshian, 1965), um determinante de inteligibilidade interlinguística (Wolff, 1959) e um determinante de percepções de professores sobre a habilidade de seus alunos (Seligman, Lambert e Tucker, 1972).

Embora não seja significativo que a atitude linguística apareça como uma variável nos estudos sociolinguísticos, é surpreendente que o trabalho de teóricos da atitude, por um lado, e o trabalho de sociolinguistas, por outro, tenham sido conduzidos com relativo isolamento entre si. Sociolinguistas têm usado a atitude como uma variável sem fazer referência, em grande medida, a questões de teoria e medição de atitudes; e os procedimentos e dados desenvolvidos por sociolinguistas têm sido amplamente ignorados por teóricos da atitude. Esse isolamento mútuo é lamentável, pois cada tradição de pesquisa poderia se beneficiar uma da outra. O comportamento sociolinguístico pode servir como uma fonte rica de dados passíveis de serem testados por teorias de atitude. Além disso, algumas das técnicas de medição de atitude desenvolvidas por sociolinguistas, notadamente o uso de

¹ Este artigo é uma versão revisada e ampliada de um trabalho preparado para o Seminário Internacional de Teste Linguístico, San Juan, Porto Rico, maio de 1973. O artigo original foi publicado em L. Palmer e B. Spolsky (eds.), *Papers on Language Testing 1967-74* (Washington, D.C., TESOL, no prelo).

Nota da tradutora: A referência original do texto publicado é: COOPER, R. L.; FISHMAN, J. A. The study of language attitudes. *International Journal of the Sociology of Language*, v. 3, p. 5–19, 1974. <https://doi.org/10.1515/ijsl.1974.3.5>. A tradução para o português e a publicação foram autorizadas pela editora Walter de Gruyter.

* Sobre a tradutora e a revisora: Cristine G. Severo é Pesquisadora nível 2 do CNPq. Professora associada IV da Universidade Federal de Santa Catarina e docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística e do Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas (UFSC). Lidera o grupo de pesquisa Políticas Linguísticas Críticas e Direitos Linguísticos (CNPq). Email: crisgorski@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2758-6668>. Edair Görski é Professora adjunta IV aposentada da Universidade Federal de Santa Catarina, atuando como voluntária no Programa de Pós-Graduação em Linguística dessa instituição na área de Sociolinguística e Dialectologia. E-mail: edagorski@hotmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0009-0003-0705-5418>

estímulos auditivos para se obter avaliação intergrupos, como o teste de falsos pares² (*matched-guise* Lambert, 1967) e o de imagem espelhada (*mirror-image*, Kimple, Cooper e Fishman, 1969), poderiam ser utilizadas de forma mais ampla. Os estudos sociolinguísticos, por sua vez, poderiam se beneficiar da elaboração da atitude como construto hipotético, feita pelos teóricos da atitude. Se os sociolinguistas explicitassem os pressupostos teóricos subjacentes ao uso que fazem da atitude como uma variável de pesquisa, eles poderiam obter escalas de atitude mais nítidas e resultados mais prontamente interpretáveis.

Pode ser útil neste momento tentar distinguir atitudes linguísticas de outras atitudes. Como as atitudes linguísticas podem ser diferenciadas? Uma solução é definir a atitude linguística em termos de seu referente. Assim, Ferguson (1972) define atitude linguística como “possibilidades elicitáveis sobre quem fala o quê, quando e como”. Uma segunda solução seria definir as atitudes linguísticas em termos de suas consequências, ou seja, aquelas atitudes que influenciam o comportamento linguístico e o comportamento diante da língua. O problema da primeira solução é que ela exclui atitudes que seriam de interesse para a sociolinguística como, por exemplo, atitudes em relação a esforços organizados envolvidos no planejamento, manutenção ou mudança linguística. O problema com a segunda solução é a sua amplitude. No caso de se adotar esta última, não fica claro como as atitudes linguísticas podem ser distinguidas de outras atitudes, pois quase todas as atitudes, sob as condições certas, podem afetar o comportamento linguístico ou o comportamento diante da língua. Escolhemos definir atitude linguística em termos de seu referente. Ampliamos o referente para incluir língua, comportamento linguístico e os referentes dos quais a língua ou o comportamento linguístico são um marcador ou símbolo. Assim, atitudes em relação a uma língua (por exemplo, hebraico), a alguma característica de uma língua (por exemplo, uma determinada variante fonológica), ao uso de uma língua (por exemplo, o uso do hebraico para fins seculares) ou à língua como um marcador de grupo (por exemplo, hebraico como língua dos judeus) são todos exemplos de atitudes linguísticas. Diferentemente, atitudes em relação aos judeus ou atitudes em relação aos domínios seculares não são atitudes linguísticas, embora elas possam se refletir nas atitudes linguísticas.

Este artigo aborda várias questões concernentes à teoria e medição de atitudes em geral e de atitudes linguísticas em particular, e conclui com uma descrição de pesquisa em andamento motivada por muitas dessas questões.

18 QUESTÕES

Podemos classificar as questões de atitude e atitude linguística em quatro categorias: a natureza da atitude, os determinantes da atitude, os efeitos da atitude e a medição da atitude. Note-se que as questões levantadas com respeito às atitudes geralmente se aplicam com igual intensidade às atitudes linguísticas. Assim, por exemplo, questões sobre a natureza da atitude são igualmente questões sobre a natureza da atitude linguística.

A NATUREZA DA ATITUDE

1) A atitude tem uma estrutura característica? A maioria dos teóricos vê a atitude como uma variável interveniente, embora uma minoria a veja apenas como um conjunto de relações estímulo-resposta ou de relações antecedente-consequência. (Sobre a última visão, ver De Fleur e Westie, 1963). Entre os primeiros, contudo, há um desacordo quanto à estrutura do construto hipotético ser mais bem pensada em termos de uma análise cognitiva-afetiva-conativa (pensar-sentir-agir) ou em termos de uma análise meio-fim (McGuire, 1969). A análise meio-fim define a atitude de uma pessoa em relação a um referente como um conjunto de utilidades percebidas no referente que são concernentes aos seus objetivos, ponderadas pelo valor relativo atribuído a cada objetivo. Várias indagações emergem da questão sobre a atitude ter ou não uma estrutura característica.

(a) Qual é a utilidade relativa da abordagem cognitivo-afetiva-conativa em comparação com a abordagem orientada pelo meio-fim?

² Nota da revisora: A tradução do livro *Sociolinguist patterns* (Labov, *Padrões Sociolinguísticos*, 2008, p. 176) utiliza o termo “falsos pares” para *matched-guise*. Optamos por manter a mesma tradução.

(b) Quais são as relações entre as medidas derivadas de cada abordagem?

(c) As medidas dos componentes cognitivo, afetivo e conativo da atitude estão de tal forma intercorrelacionadas que devem ser vistas como medindo a mesma coisa ou elas são entidades relativamente independentes? De acordo com Triandis (1971), as evidências sobre essa questão são mistas.

(d) Se há um componente afetivo na atitude, quais são os sentimentos específicos (por exemplo, medo, desprezo, compaixão) envolvidos nesse componente? De acordo com Harding, Proshansky, Kutner e Chein (1969), há pouco trabalho realizado sobre os sentimentos envolvidos em atitudes interétnicas. Emoções específicas, como raiva, admiração e empatia, não podem ser facilmente inferidas a partir dos instrumentos típicos usados para explorar o componente afetivo, como avaliações positivas sobre escalas diferenciais semânticas. Além do problema de determinar QUAIS escalas constituem o componente afetivo (por exemplo, as avaliações sobre BELEZA são mais afetivas do que aquelas sobre ALTURA? E ambas as avaliações seriam mais afetivas do que aquelas sobre INTELIGÊNCIA?), há o problema de determinar quais são os sentimentos que subjazem a tais respostas.

2) Até que ponto as atitudes linguísticas podem ser transformadas em componentes? Dois tipos de fatoração podem ser possíveis: em termos de estrutura da atitude (por exemplo, os componentes meio-fim ou cognitivo-afetivo-conativo) e em termos do objeto da atitude. Com respeito a este último, as atitudes de uma comunidade de fala em relação a uma língua podem ser favoráveis a seu uso em alguns domínios sociais, mas não em outros. Por exemplo, alguns judeus ultraortodoxos acham que o hebraico deve ser reservado para a oração e para o estudo de textos religiosos. O uso do hebraico para fins seculares é um anátema para eles. Assim, seria enganoso avaliar a atitude em relação a uma língua de maneira global, ou de forma descontextualizada, ou para um domínio apenas. Da mesma forma, as atitudes de uma comunidade de fala diglósica em relação às suas variedades linguísticas funcionalmente distintas diferem globalmente, mas também diferem em função do contexto social, sendo que uma dada variedade poderia ser vista favoravelmente em um conjunto de contextos, e a outra variedade em outros contextos (Ferguson, 1959a).

3) Os traços atribuídos às línguas têm uma estrutura característica? Ferguson (1959b) apontou que a maioria dos grupos de línguas maternas avalia positivamente sua primeira língua, mas as características positivas que eles atribuem podem variar de grupo para grupo. Assim, por exemplo, um grupo de língua materna pode considerar sua língua particularmente adequada para a retórica, enquanto outro pode considerar sua língua materna particularmente adequada para cantar. Se as línguas fossem classificadas em termos de muitas características diferentes, será que as classificações constituiriam fatores diferentes? E será que os mesmos fatores seriam encontrados em diferentes línguas?

4) Ferguson (1959a) também observou que, ocasionalmente, uma comunidade de fala avalia negativamente sua língua. Essa observação suscita duas questões:

(a) Para as línguas que são avaliadas negativamente por seus falantes, trata-se dos mesmos atributos (por exemplo, desleixada, descuidada, indigna, incorreta, desviante, imprópria para o pensamento lógico ou para a expressão intelectual séria)?

(b) Se uma língua for avaliada negativamente tanto por seus falantes quanto por outros, os dois grupos atribuem as mesmas características a essa língua?

5) Que características de um grupo conferem alto prestígio a sua língua? Gumperz (1958) aponta que na Índia as variedades linguísticas faladas pelos grupos ritualmente mais elevados não têm necessariamente o maior prestígio; e Nader (1970: 279) sugere que “o fator de prestígio que pode encorajar admiração, empréstimo ou competição na língua não precisa estar relacionado à posição afluente de um grupo ou outro, ou de um indivíduo ou outro”.

OS DETERMINANTES DA ATITUDE

6) Até que ponto respostas a estímulos auditivos, como as respostas de falsos pares (*matched-guise*) ou de imagem espelhada (*mirror-image*), refletem atitudes em relação a uma língua como símbolo de um grupo? E até que ponto refletem atitudes em relação à própria língua? As respostas têm sido tipicamente interpretadas como representando reações a grupos (e, portanto, à língua como símbolo). No entanto, nessas respostas pode haver um componente de atitude em relação à própria língua.

7) Qual é a influência do contexto nas respostas dos falsos pares e da imagem espelhada? Agheyisi e Fishman (1970) sugerem que respostas diferentes a dois disfarces linguísticos distratores podem refletir em parte a interação entre contexto e linguagem. Assim, por exemplo, se o contexto não for variado e se uma língua for considerada inadequada para uso naquele contexto por membros de uma comunidade de fala, os falantes que empregarem aquele distrator linguístico podem ser desvalorizados.

8) Quais são as bases das respostas de atitude linguística? Em que medida as respostas refletem um estereótipo no sentido de uma falha de racionalidade? Até que ponto elas são baseadas na experiência direta? Até que ponto elas são generalizações de atitudes a respeito de construtos relacionados (por exemplo, atitudes em relação às funções atribuídas à língua ou atitudes em relação aos falantes da língua)?

9) Quais são as circunstâncias que fazem com que uma língua seja avaliada negativamente por seus falantes? Por outro lado, quais são as circunstâncias que levam os falantes que anteriormente desvalorizavam sua língua a revalorizá-la positivamente? A atual reavaliação do inglês afro-americano³ por muitos (mas não por todos) americanos negros é um caso em questão.

10) O que produz maior efeito sobre a preferência: a semelhança demográfica ou ideológica? Nos Estados Unidos, por exemplo, um separatista negro prefere um integracionista negro ou um segregacionista branco?⁴ Para essa questão, que é perene em pesquisa de atitude (ver McGuire, 1969), pesquisadores de atitude linguística podem ser particularmente úteis. A questão pode ser estudada através de um procedimento de disfarce verbal, em que a língua e a mensagem podem variar sistematicamente, mantendo os falantes constantes. Nesse caso, a língua pode servir como um marcador de pertencimento ao grupo e a mensagem poderia servir como um marcador de filiação ideológica.

OS EFEITOS DA ATITUDE

11) Quais são as consequências comportamentais da atitude linguística? Tipicamente, apenas relações modestas são encontradas entre as medidas de atitude e os comportamentos que aquelas medidas são projetadas para prever. É possível fazermos uma afirmação geral sobre as relações entre atitudes linguísticas, comportamento linguístico e comportamento em relação à linguagem?

12) Qual é o efeito da língua na persuasão? Existe uma extensa literatura sobre os efeitos da manipulação de diversas variáveis de canal na persuasão (ver McGuire, 1969), mas pouco ou nada sobre o efeito da manipulação da linguagem na persuasão. Um bilíngue seria persuadido por uma mensagem em uma das suas línguas mais do que em outra, mesmo que a fonte de informação fosse a mesma?

13) Quais são as contribuições relativas das variáveis de canal e de fonte para a persuasão? Esta questão, um outro tema de pesquisa de atitude em geral (ver McGuire, 1969), poderia ser abordada pelos pesquisadores de atitude linguística, uma vez que a língua pode ser usada tanto como uma variável de canal quanto como uma variável de fonte. Por exemplo, pessoas bilíngues poderiam ser convidadas a reagir a mensagens nas duas línguas faladas por uma fonte identificada como sendo a MESMA autoridade bilíngue. Nesse caso, a língua operaria como variável de canal. Os entrevistados também poderiam ser solicitados a reagir a mensagens nas duas línguas, produzidas por duas autoridades DIFERENTES. Aqui, a língua operaria como uma variável de fonte. Seria possível, então, comparar a influência relativa na persuasão exercida pela língua como canal e como fonte.

14) Qual é a relação entre o prestígio de duas variedades linguísticas e o tipo e a extensão de empréstimo entre elas? A concorrência entre as línguas nem sempre é unidirecional, com falantes da variedade de menor prestígio tomando emprestados elementos da

³ Nota da tradutora: O termo corrente utilizado é African American Vernacular English (AAVE).

⁴ Nota da tradutora: Registre-se, atualmente, um grande avanço nos estudos da relação entre língua e raça no cenário acadêmico americano, fortalecendo e refinando o debate, especialmente a partir de uma visão crítica, que inclui a posicionalidade de pesquisadoras/es negras/os. Exemplo recente inclui: ALIM, S. H., REYES, A.; KROSKRITY, P. (es.). *The Oxford Handbook of language and race*. Oxford: Oxford University Press, 2020.

variedade de mais prestígio. A direção inversa às vezes também é encontrada. Além disso, a concorrência é seletiva. Alguns recursos são tomados emprestados e outros não. Em Israel, por exemplo, os sefarditas e os asquenazes geralmente não recebem o mesmo prestígio, ainda assim, os asquenazes tomam emprestadas algumas características do hebraico sefardita; e os sefarditas tomam emprestados alguns traços do hebraico asquenaze. Podem generalizações ser formuladas e testadas quanto à influência de prestígio relativo envolvendo quem empresta quais características de quem?

A MEDIAÇÃO DA ATITUDE

(15) Que relações existem entre as pontuações de atitude obtidas em diferentes classes de medidas atitudinais (reação fisiológica ou psicológica, comportamento situacional, relato verbal)?

(16) Que relações existem entre as medidas de atitudes envolvendo um objeto, uma situação e o objeto naquela situação? De acordo com Rokeach (1968, p. 119), o estudo das atitudes em relação a situações tem sido negligenciado: “A cisão entre atitude em relação à situação e atitude em relação ao objeto retardou severamente a crescimento da teoria de atitude. Isso resultou em tentativas não sofisticadas de prever de forma precisa o comportamento, com base apenas na atitude em relação ao objeto, ignorando a igual relevância da atitude em relação à situação”. Se a atitude em relação à situação fosse incluída por meio de análise de regressão múltipla ou por meio de contextualização do objeto de atitude (obtenção de medidas de atitude em relação ao objeto em contextos específicos), melhores correlações poderiam ser obtidas entre as pontuações de atitude e o comportamento explícito e não atitudinal. No que diz respeito às atitudes linguísticas, podemos perguntar que relação existe entre medidas livres de contexto e medidas de contexto controlado. Também podemos perguntar se um tipo de medida tem maior validade do que o outro.

(17) As medidas indiretas de atitude (ou seja, medidas cujo propósito não é aparente para o entrevistado) têm validade mais alta do que as diretas? Triandis (1971) afirma que pouca pesquisa foi feita sobre suas respectivas validades. Com relação à atitude linguística, podemos perguntar se medidas de atitudes interétnicas baseadas em reações a estímulos auditivos são mais válidas do que medidas baseadas em respostas obtidas de escalas convencionais de atitude intergrupais. Lambert (1967, p. 94) alega que a técnica de falsos pares [*matched-guise*] “parece revelar mais reações pessoais ao grupo contrastante do que os questionários de atitude direta, mas mais pesquisas são necessárias para avaliar adequadamente seu poder a esse respeito”. Por outro lado, Webster e Kramer (1968) encontraram uma relação em forma de U invertido entre o grau de preconceito quanto ao francês canadense e reações avaliativas quanto ao francês canadense disfarçado. A questão da validade relativa da medição direta e indireta de atitude linguística suscita a indagação sobre a relação que existe entre os dois tipos de medida. Até que ponto eles avaliam o mesmo atributo?

(18) Quão confiáveis são as medidas indiretas de atitude linguística? As medidas indiretas de atitude são tipicamente menos confiáveis do que as diretas. Isso também é válido para o caso das atitudes linguísticas? Se sim, isso poderia explicar as baixas correlações frequentemente relatadas entre medidas de atitude linguísticas indiretas e outras variáveis (ver, por exemplo, Lambert, Hodgson, Gardner e Fillenbaum, 1960).

TRABALHO EM ANDAMENTO

As questões levantadas acima motivaram uma série de estudos de professores e alunos da Seção de Comportamento Linguístico da Escola de Educação da Universidade Hebraica⁵. Todas as pesquisas, exceto uma, foram realizadas com o mesmo grupo de entrevistados, que foram intensamente estudados. Esses entrevistados são 65 estudantes do ensino médio em Jerusalém, principalmente de duas escolas públicas: uma seguindo um currículo de orientação mais secular, o outra seguindo um currículo de orientação mais religiosa. Cerca de números iguais de estudantes de cada sexo participaram. Todos os entrevistados, da décima primeira e décima segunda séries, assistiram, durante um período de duas semanas, a seis sessões que duraram de uma a duas horas cada. Assistiram a essas sessões durante suas férias de Páscoa e foram compensados por sua participação. Suas respostas a

⁵ Entre os estudantes estão: Bryna Bogoch, Elizabeth Nadel, Phyllis Rosenbaum, Yehudit Rosenbaum, Barbara Schaiyer e Jean Vermel.

todos os itens foram anônimas. Além de dados demográficos, as seguintes informações foram obtidas de cada inquirido: atitude (tanto as atitudes linguísticas como outras atitudes), uso da língua e proficiência linguística.

MEDIDAS DE ATITUDES

Foram empregadas medidas de atitude diretas e indiretas. O procedimento de falsos pares (*matched-guise*) desenvolvido por Lambert e seus colaboradores foi usado em relação a dois grupos étnicos: imigrantes americanos para Israel e israelenses nascidos em Israel (sabras). Os americanos foram representados pelo inglês com sotaque americano e o hebraico. Os sabras foram representados pelo inglês com sotaque israelita e o hebraico. Uma inovação neste estudo é o uso de ambos os tipos de estímulos, os livres de contexto e os contextualizados. Os estímulos livres de contexto consistiam na leitura de uma lista de datas de calendário. Os estímulos contextualizados consistiam em dois conjuntos de conversas. Um conjunto foi entre pai e filho em casa. O filho pedia permissão para viajar com alguns amigos durante as férias e o pai, após uma série de objeções, finalmente concordava. O outro conjunto de conversas foi entre um professor e um aluno (ambos do sexo masculino) na escola. O estudante reclamava com o professor por ter sido reprovado em um exame em que as suas respostas (mas não os procedimentos) estavam corretas. O professor, depois de explicar sobre a importância do método, finalmente permitiu que o aluno fizesse um novo exame. Os roteiros para os diálogos foram baseados em protocolos de encenação obtidos de estudantes israelenses do ensino médio. Os entrevistados ouviram dezesseis vezes lendo datas, além de oito versões de cada um dos dois diálogos, durante um período de três dias, com um conjunto específico de estímulos (diálogo ou datas) por dia. No quarto dia, eles ouviram novamente o mesmo conjunto de estímulos aos quais reagiram no primeiro dia. Na medida em que houve um equilíbrio na apresentação dos estímulos contextualizados e não contextualizados, a confiabilidade dos testes-retestes pode ser comparada para os dois tipos de medição. Os entrevistados ouviram os estímulos de atitude indiretos em cabines individuais de laboratório de idiomas, o que permitiu contrabalançar a ordem de apresentação das vozes individuais (para as datas) e de pares de vozes (para os diálogos).

Note-se que os procedimentos descritos permitem derivar pontuações separadas para atitudes em relação ao grupo e para atitudes em relação à língua. Assim, por exemplo, a atitude em relação aos americanos pode ser inferida a partir das respostas a disfarces de sotaque americano (em inglês e hebraico), e atitudes em relação à língua inglesa podem ser inferidas a partir de respostas aos disfarces do inglês (de ambos os grupos, americanos e sabras). Da mesma forma, medidas de atitude podem ser derivadas para os sabras e o hebraico. Tanto as medições contextualizadas como aquelas livres de contexto produzirão pontuações para atitudes em relação ao inglês, hebraico, americanos e sabras. Assim, as pontuações oriundas das duas situações podem ser comparadas para os mesmos referentes. Além disso, as medidas contextualizadas produzirão pontuações para atitudes em relação aos pais, filhos, professores e alunos.

Três tipos de respostas foram elicitadas para os estímulos auditivos. Os entrevistados foram solicitados a avaliar cada voz em relação a cada um dos seis atributos previamente obtidos de estudantes do ensino médio israelenses concernentes às distinções entre imigrantes americanos e sabras, por exemplo, alto padrão de vida, seguidor de religião etc. Os entrevistados foram solicitados a indicar até que ponto cada voz despertava cada um dos seis sentimentos, por exemplo, gosto, desconfiança. Finalmente, os entrevistados foram solicitados a avaliar cada voz em relação à probabilidade de agirem de uma determinada maneira, caso encontrassem o falante em cada uma das seis situações descritas anteriormente. Uma situação, por exemplo, é esta: “Essa pessoa aborda você na rua e pede que a ajude a encontrar o caminho para um lugar próximo, diferente da direção em que você está indo. É difícil explicar como ir até lá sem conduzi-la. Você está a caminho da escola e está exatamente no seu horário. Você sabe que se você levá-la para onde ela quer ir, você pode se atrasar. Qual é a probabilidade de você levá-la para onde ela quer ir?”. Esses três tipos de itens pretendiam eliciar respostas cognitivas, afetivas e conativas, respectivamente. Os itens ‘afetivos’ são notáveis por suas sondagens diretas de conteúdo emocional. Se esses conjuntos dados *a priori* emergirão pela análise fatorial, é, obviamente, uma das questões que estão sendo investigadas.

Além de tentar obter medidas cognitivas, afetivas e conativas, também obtivemos pontuações de atitude meio-fim. No entanto, as últimas foram obtidas apenas em relação ao inglês e ao hebraico. Os entrevistados foram solicitados a avaliar a importância pessoal de um número de valores ou objetivos. Em seguida, eles foram solicitados a avaliar o grau com que cada um dos seguintes

elementos facilita ou dificulta a obtenção de cada objetivo: fluência em hebraico falado, fluência em inglês falado, ser capaz de ler e escrever hebraico fluentemente, e ser capaz de ler e escrever inglês fluentemente⁶.

Paralelamente aos resultados cognitivos, afetivos e conativos obtidos por métodos indiretos estão os resultados cognitivos, afetivos e conativos obtidos por meio de questionários diretos convencionais. Os entrevistados foram solicitados a avaliar, seguindo as mesmas escalas que foram empregadas para os procedimentos de falsos pares, os sabras e cada um dos seguintes grupos de imigrantes: americanos, franceses, iraquianos e russos. Os entrevistados foram solicitados a avaliar cada um desses grupos separadamente: homens da mesma idade que os entrevistados e homens da mesma idade que os pais dos entrevistados.

Além das escalas de atitude descritas até agora, os entrevistados responderam os questionários elaborados para eliciar diretamente atitudes em relação à educação, à família, ao típico professor de ensino médio, ao atual professor de inglês do entrevistado, aos sabras, aos imigrantes americanos (estas duas últimas escalas foram adicionais às escalas diretas sobre americanos e sabras mencionadas acima – os entrevistados foram solicitados a avaliar o grau de concordância com as sentenças que descrevem cada grupo) e a cada um dos seis idiomas: árabe, inglês, francês, hebraico, russo e iídiche. O questionário das seis línguas incluiu perguntas testando o conhecimento sobre cada língua (por exemplo, número de falantes, tamanho do léxico) e um conjunto de itens diferenciais semânticos para cada língua⁷. As respostas aos itens semânticos devem nos permitir testar a consistência da estrutura fatorial de atributos linguísticos entre as línguas. Finalmente, foram aplicados questionários de atitude social desenvolvidos por Hofman (1974). Esses rendem pontuações para modernismo, nacionalismo, conservadorismo, internacionalismo; pontuações para a centralidade e valência de ser um judeu, um israelense e um estudante; pontuações para avaliações públicas, privadas, instrumentais e sentimentais sobre a língua; e pontuações para a orientação tradicional versus progressiva de educação.

Todas as medições de atitude descritas até agora foram obtidas por meio de relato verbal, embora as medições de atitudes indiretas também possam ser pensadas como situacionais. Ainda foi administrado um item que exigia uma resposta aberta e não verbal. Isso integrava o questionário de seis línguas. Os entrevistados foram questionados sobre quais línguas, caso houvesse, eles gostariam de estudar durante as férias de verão, se o ensino de segunda língua fosse oferecido gratuitamente em nível apropriado por sua escola secundária. Também foram solicitados a indicar suas escolhas (caso houvesse) em um cartão postal já endereçado e enviá-lo para que o destinatário (uma pessoa em um instituto de pesquisa não conectado com universidade) pudesse conhecer a extensão do interesse em tais cursos. Duas respostas abertas podem ser notadas a este respeito: se o entrevistado envia o cartão e se, ao enviar, ele coloca ou não o endereço de retorno nele (este último não foi solicitado).

MEDIÇÃO DO USO LINGÜÍSTICO

Aplicou-se um questionário de antecedentes linguísticos no qual os entrevistados foram indagados sobre a frequência de seu uso do hebraico e do inglês em contextos específicos e para funções específicas.

MEDIÇÃO DA PROFICIÊNCIA LINGÜÍSTICA

Os entrevistados receberam um procedimento de cloze em inglês e em hebraico. Eles foram solicitados a restaurar palavras em passagens escritas, nas quais a sexta palavra de cada passagem havia sido apagada. Para falantes nativos, o cloze pode ser tratado como uma medida de compreensão de leitura; para falantes não nativos, pode ser visto como uma medida global de proficiência em segunda língua (Oller, Bowen, Dien e Mason, 1972). Além disso, foram obtidas medições faladas para cada respondente. Os entrevistados foram solicitados a ler em voz alta as listas de datas em inglês e hebraico que eles tinham ouvido anteriormente durante os procedimentos de falsos pares. (As datas foram selecionadas para revelar o máximo de sotaque americano em hebraico e sotaque israelense em inglês.) Eles também foram solicitados a resumir cada um dos dois diálogos que tinham ouvido: um em inglês e outro em hebraico. Finalmente, eles foram solicitados a ler uma lista de 16 frases não relacionadas em inglês, cada uma

⁶ O estudo meio-fim foi conduzido por Jean Vermel.

⁷ O questionário de seis línguas foi conduzido por Bryna Bogoch.

representando um problema de pronúncia em inglês para falantes nativos do hebraico. As respostas faladas foram gravadas em cabines individuais do laboratório de idiomas. As pontuações de proficiência e de uso linguístico, juntamente com as variáveis demográficas, servirão como critérios de pontuação para as medidas de atitude.

VARIÁVEIS DEMOGRÁFICAS

Entre as informações buscadas por um questionário de antecedentes pessoais estavam: idade, sexo, série, escola, grau de perfil religioso da família, local de nascimento, data de chegada caso não nascido em Israel, disciplinas escolares de que mais gostou, disciplinas escolares de que menos gostou, média de notas, planos de carreira e ocupação do chefe de família.

OS EFEITOS DA PERSUASÃO LINGUÍSTICA

Todos os procedimentos descritos até agora foram aplicados aos mesmos entrevistados. Outro estudo foi realizado com um grupo de adultos muçulmanos bilíngues em árabe-hebraico, em Jericó. O objetivo do estudo foi investigar o efeito da linguagem na persuasão⁸.

Quatro passagens de um minuto foram gravadas por um falante fluente de árabe e hebraico. Uma passagem denunciava os males do tabaco e citava evidências científicas em apoio ao seu argumento. A outra denunciava os efeitos do álcool e citava argumentos tradicionais. Os diferentes tipos de argumentos foram empregados a fim de maximizar, para cada mensagem, a diferença entre as respostas para as versões em árabe e hebraico. Supunha-se que em hebraico um argumento científico poderia ser mais persuasivo que um tradicional, e que em árabe um argumento islâmico tradicional poderia ser mais persuasivo que um científico. Os entrevistados foram abordados individualmente. Cada um ouviu uma passagem em uma língua e a outra passagem na outra. Ficou claro para cada entrevistado que o falante de cada passagem era um muçulmano de Jerusalém e que ele havia gravado ambas as passagens. Assim, qualquer diferença na resposta média às passagens em cada língua pode ser atribuída à língua e não à identidade étnica do falante.

Os entrevistados receberam dois tipos de perguntas para avaliar a eficácia relativa das duas línguas: questões diretas sobre se eles concordavam com a mensagem e até que ponto achavam a mensagem lógica e bem apresentada, e uma pergunta indireta. A pergunta indireta indagou se os entrevistados achavam ou não que um aumento de imposto deveria ser repassado à mercadoria, a fim de desencorajar o consumo. Não foram encontradas diferenças nas respostas às perguntas diretas: houve acordo quase unânime com o conteúdo das mensagens, independentemente da língua usada. A pergunta indireta, no entanto, mostrou uma diferença dramática. Duas vezes mais entrevistados endossaram um aumento do imposto sobre o tabaco quando a mensagem foi ouvida em hebraico, em comparação com a audição em o árabe; e duas vezes mais respondentes endossaram um aumento do imposto sobre o álcool quando a mensagem foi ouvida em árabe, em comparação com a audição em hebraico. Em outras palavras, o hebraico foi mais eficaz do que o árabe para um argumento baseado em considerações científicas, e o árabe foi mais eficaz do que o hebraico para um argumento com base em considerações tradicionais, quando a eficácia foi avaliada indiretamente. O trabalho está agora em andamento para determinar a generalização dessas descobertas.

RESUMO

Pesquisadores em teoria da atitude e em sociolinguística têm ignorado amplamente as preocupações teóricas e as descobertas empíricas um do outro. Isso é lamentável porque cada tradição de pesquisa pode enriquecer a outra. Neste artigo, algumas questões sobre a teoria e medições da atitude e da atitude linguística foram delineadas juntamente com alguns procedimentos de pesquisa que elas motivaram. Espera-se que nossos dados sejam úteis para os pesquisadores em teoria da atitude e sociolinguística, e que nossos resultados encorajem uma relação fértil entre as duas esferas de investigação.

*Universidade Hebraica de Jerusalém
Universidade Yeshiva, Nova York.*

⁸ O estudo do efeito da linguagem na persuasão foi conduzido por Barbara Schaiyer. Uma descrição detalhada do estudo pode ser encontrada em Schaiyer, Cooper e Fishman, 1974.

REFERÊNCIAS

- AGHEYISI, R.; FISHMAN, J. Language Attitude Studies: A Brief Survey of Methodological Approaches. *Anthropological Linguistics*, v. 12, n. 5, p. 137-57, 1970.
- ANISFELD, M.; LAMBERT, W. E. Social and Psychological Variables in Learning Hebrew. *Journal of Abnormal and Social Psychology* v. 63, p. 524-29, 1961.
- DE FLEUR, M. L.; WESTIE, F. R. 1963 Attitude as a Scientific Concept. *Social Forces*, v. 42, p. 17-31, 1963.
- FERGUSON, C. A. Diglossia. *Word*, v. 15, p. 325-40, 1959a.
- FERGUSON, C. A. Myths about Arabic. *Languages and Linguistics Monograph*, série 12. Georgetown University, p. 75-82, 1959b.
- FERGUSON, C. A. *Soundings: Some Topics in the Study of Language Attitudes in Multilingual Areas*. Paper presented to the Tri-University Meeting on Language Attitudes. New York: Yeshiva University, 1972.
- GUMPERZ, J. Dialect Differences and Social Stratification in a North Indian Village. *American Anthropologist* v. 60, p. 668-81, 1958.
- HARDING, J.; PROSHANSKY, H.; KUTNER, B; CHEIN, I. Prejudice and Ethnic Relations. In: LINDZEY, G.; ARONSON, E. (ed.). *The Handbook of Social Psychology* 5, 2ª edição. Sidnei: Law Book Co of Australasia, 1969, p. 1-76.
- HERMAN, S. Explorations in the Social Psychology of Language Choice. *Human Relations*, v. 14, p. 149-64, 1961.
- HOFMAN, J. The Prediction of Success in Language Planning: The Case of Chemists in Israel. *International Journal of the Sociology of Language*, v. 1, p. 39-65, 1974.
- KIMPLE, J. JR.; COOPER, R.; FISHMAN, J. Language Switching and the Interpretation of Conversations. *Lingua*, v. 23, p. 127-34, 1969.
- LABOV, W. The Social Motivation of a Sound Change. *Word*, v. 19, p. 273-309, 1963.
- LABOV, W. *The Social Stratification of English in New York City*. Washington, D.C: Center for Applied Linguistics, 1966.
- LAMBERT, W. E. A Social Psychology of Bilingualism. *Journal of Social Issues*, v. 23, n. 2, p. 91-109, 1967.
- LAMBERT, W. E.; ANISFELD, M.; YENI-KOMSHIAN, G. Evaluational Reactions of Jewish and Arab Adolescents to Dialect and Language Variations. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 2, p. 84-90, 1965.
- LAMBERT, W. E.; GARDNER, R. C.; OLTON, R; TUNSTALL, K. A Study of the Roles of Attitudes and Motivation in Second-Language Learning. In: FISHMAN, J. (ed.). *Readings in the Sociology of Language*. The Hague: Mouton, 1968, p. 473-91.
- MCGUIRE, W. J. The Nature of Attitudes and Attitude Change. In: LINDZEY, G.; ARONSON, E. (ed.). *The Handbook of Social Psychology* 3. 2ª edição. Sidnei: Law Book Co of Australasia, 1969, p. 136-314.
- NADER, L. A Note on Attitudes and the Use of Language. In: Fishman, J. (Ed.). *Readings in the Sociology of Language*. The Hague: Mouton, 1968, p. 276-81.

OLLER, J. W. JR., BOWEN, D.; DIEN, T. T; MASON, V. Cloze Tests in English, Thai, and Vietnamese: Native and Non-native Performance. *Language Learning*, 22,1-15, 1972.

ROKEACH, M. *Beliefs, Attitudes, and Values: A Theory of Organisation and Change*. San Francisco: Jossey-Bass, 1968.

SCHAIER, B.; COOPER, R.; FISHMAN, J. *Language, Technology, and Persuasion: a Middle-Eastern Example*. Paper prepared for the VIIIth World Congress of Sociology. Toronto, 1964.

SELIGMAN, C. R.; LAMBERT, W.E; TUCKER, G. T. The Effects of Speech Style and Other Attributes on Teachers' Attitudes towards Pupils. In: LAMBERT, W.E. *Language, Psychology, and Culture*. Stanford: Stanford University Press, 1972, p. 338-50.

SHUY, R.; FASOLD, R. *Language Attitudes: Current Trends and Prospects*. Washington, D. C., Georgetown University Press, 1973.

TRIANDIS, H. C. *Attitude and Attitude Change*. New York: Wiley, 1971.

WEBSTER, W. G.; KRAMER, E. Attitudes and Evaluational Reactions to Accented English Speech. *Journal of Social Psychology*, v. 75, p. 231-40, 1968.

WOLFF, H. Intelligibility and Inter-ethnic Attitudes. *Anthropological Linguistics*, v. I, p 34-41, 1959.



Recebido em 06/02/2023. Aceito em 07/02/2023.